

25

EXPRESSÃO
 DE HUMA VELHA,
 DIRIGIDA AO FELIZ DIA
 DA
 ACCLAMAÇÃO
 DA
R A I N H A
 NOSSA SENHORA.



L I S B O A.

Na Officina de MANOEL COELHO AMADO.

ANNO M. DCC. LXXVII.

Com licença da Real Mesa Censoria.

SONETO.

COm Estrellas no Ceo, de madrugada,
 Dia d'Acramação, juro, e prometto,
 De prantar-me sózinha, co' meu neto
 No Terreiro do Paço repimpada.

Que venham fobre mim de cambulhada
 Os Soldados, com isso me não meto :
 Hei de fincar-me alli como hum espeto,
 Im que eu saia dalli esburralhada.

A's costas o meu neto tomarei,
 Para ver a Rainha taõ potente ;
 Co's olhos na Tùburna assim estarei.

E assim que escramar o Povo, a gente,
 Viva a nossa Rainha, o nosso Rei,
 Abraço o neto, e morro de contente.

A MESMA VELHA

*Exposta no Terreiro do Paço no feliz Dia da
Acclamação, com o neto ao colo, rompe
no seguinte:*

SONETO.

Sanctus Deus ! Sanctus Fortis ! Que bellezã
Na Tuburna Real se descortina !
Toma tento , meu neto , o rosto incrina ,
Pefgega os olhos naquella gentileza.

Levanta as mãos ao Ceo , levanta , e reza
Todo o Credo de cór , toda a Doutrina ;
E pela Magestade pelingrina
Offrece tudo , e tudo com craleza.

Lá põe no Livro a mão. Que rica alyura !
Olha o Rei , os Fidalgos taõ contentes :
Repara na Rainha : agora jura.

Ouve os vivas que daõ todas as gentes.
Que grolia ! Que alegria ! Que ventura !
Morramos aqui neto de contentes.



G L O S A.

Neto, repára bem, volta a carinha,
Retira já os olhos dessa banda,
Olha para acolá, vê a Rainha,
Não te inleve o incessio da varanda:
Ergue mais, rico neto, a cabecinha,
Para alli o corpinho mais defanda:
Olha, lá está. Não vês? Rica Princeza!
Sanctus Deus! Sanctus Fortis! Que belleza!

II

Vê-la já, rico neto? Põe-te a ponto.
Tu dizes que não vês? Eu te arrenego.
Olha para acolá, rapaz. Es tonto?
Pois antans, vê-la já, ou tu es cego?
Está quieto co' cu, que se me affronto,
Já no chão rabolindo te prospego.
Olha, neto: a Rainha pelingrina
Na Tuburna Real se descortina.

III.

He forte coufa , he , Vês já , zarolho ?
 Inda naõ vês ? Ah tal ? Naõ vez mosino ?
 Ora quem ha de crer , sem pôr refolho ,
 Hum rapaz de tres annos sem ter tino ?
 Olha para acolá , olha trambolho :
 Finca-me os pés nos hombros , põe-te a pino :
 Repaira n'hum a avó , que bem te ensina :
Toma tento , meu neto , o rosto incrina.

IV.

Pois antans , vêla já ? Deos te aberrrente
 Se me dizes que naõ , mais outra vez.
 Ah ! Já dizes que fim ? Já estás contente ?
 Ora graças a Deos que já a vês :
 Naõ pules tanto , neto : tem mão , ten-te ,
 Porque pôdes cahir , quebrar os pés :
 Com proposto , com termo , e fidadeza ,
Pespêga os olhos naquella gentileza.

V.

Levanta as mãos ao Ceo , vê como estou :
 Põe o dedo méminho mais igual :
 Dize a nosso Senhor : Graças vos dou
 Por dares tal Rainha a Portugal :
 A tristeza de nós se desterrou ,
 O prazer em nós todos he geral :
 Isprica isto , neto , com craleza ,
Levanta as mãos ao Ceo , levanta , e reza.

VI.

Tu para a Bella Cruz pediste em Maio ,
 Sabes mais orações que os Estudantes :
 Mais cralo fallas tu que hum pacagaio :
 Falla agora tambem , naõ te atarantes :
 Sahistes á nacença como hum raio :
 O mesmo que hoje es , já eras d'antes :
 De hum anno já sabias bem , traquina ,
Todo o Credo de cor , toda a Doutrina.

VII.

Não te affoes á mão. Não ouves, neto?
 Não te coces, rapaz, que te isgadelhas:
 Se tu não pões as mãos, nem estás quieto,
 Vem comer-te o papão hoje as orelhas:
 Raza tu, meu menino: eu te prometto
 Contar-te á noite o conto das tres velhas:
 Por Deos te peço isto, (ah tal mofina!)
E pela Magestade pelingrina.

VIII.

Bom, bonito menino: pede, pede:
 Raza, meu rico neto, raza, raza:
 Hei de dar-te hum xicra de cafede
 A' noite, quando fores para caza:
 Ora já que a memoria não te impede,
 E a lingua tambem não se te atraza,
 Pela Rainha, Rei, e Príncipeza,
Offrece tudo, e tudo com crateza.

IX.

Bemdiçoadado sejas: não es tolo:
 Es a consolação desta velhisse:
 Certamente pegava em ti ao colo:
 A Senhora Rainha se te ouviſſe:
 Dá, meu neto, á cabeça hum truficolo:
 Olha lá para ella. Que denguiſſe!
 Repaira bem naquella fermosura:
Lá põe no Livro a mão. Que rica albura!

X.

Repaira na tremenda multidaõ
 Do Povo, com que está hoje affitida:
 Como já lhe tem dado o coração,
 Primette tambem dar por ella a vida:
 Repaira com bastante reflexaõ,
 Tu que tens inda a vista bem comprida:
 Vê o gosto que vai nos assistentes:
Olha o Rei, os Fidalgas taõ contentes.

Jesus o que lá vai ! He huma onia !
Eu pasmo como o gozo de Saõ Roque !
Eu naõ sei construgir tanta cermonia !
Nem sei que futunica aquelle Estoque !
Quem será que me deo na caximonia
C'uma bola de cera hum grande coque ?
Ai , neto , põe-te agora em direitura :
Repara na Rainha : àgora jura.

XII.

Já os vivos parece vem zinindo :
Prepara-te , meu neto : agora escarra :
Em tu ouvindo viva , rabolindo ,
Por pés , mãos , e cabeça a mim te agarra :
Tu , meu neto , has de dar vivas sem findo :
Eu hei de aberrentar como cigarra :
Mas primeiro , rapaz , naõ te adientes ,
Ouve os vivos que daõ todas as gentes.

XIII.

Ahi sahe á Tuburna já veloz ,
Da noticia feliz o mensageiro :
Queira Deos que elle tenha huma voz ,
Que triscale por todo este Terreiro :
Naõ he só Portugal , naõ samos foz
Os alegres : Estranho , ou Estrangeiro ,
Neste mesmo prazer hoje se apura :
Que grolia ! Que alegria ! Que ventura !

XIV.

Já os vivos compeçam : nunca tive
Hum prazer , ou hum gosto desta maça :
Vive , bella Rainha , vive , vive :
Ai , neto da minha alma , abraça , abraça :
Im tégora , meu neto , me sustive ;
Mas agora , no meio desta Praça ,
Aos pés da Rainha , reverentes ,
Morrámos aqui neto de contentes.

João é que se vai! He bem assim!
 Eu passo como o gozo de São Roque!
 Eu não sei construir tanta cermônia!
 Nem sei que lufanças apucelle Elogio!
 Quem será que me deu as cermônias
 Com o dolo de esta minha grande cegueira?
 Ai, acio, que te agora em dantes!
 Repara na lembrança; agora não.

XII

Já os vives parece vem saindo.
 Prepara-te, meu acio; agora é hora:
 Em tu entrando vives, respondendo,
 Por des, nesses, e capax a muni te dantes:
 Tu, meu acio, has de dar vives sem ludo:
 Eu sei de apertar como dantes:
 Mas primeiro, repax, não te adentes.
 Ouve os vives que são todos os dantes.

XIII

Ah! não se vives, vives,
 De noscia de o maldades:
 Queira Deus que elle tenha huma voz,
 Que trizale por todo esse Tenorio:
 Não he de Portugal, não tanto hez
 Os alogies; Euzio, ou Euzio;
 Nello mesmo dantes he agora:
 Que vives! Que vives! Que vives!

XIV

Já os vives compoem; nunca vives
 Não traxer, ou hum gozo de sua vida:
 Vive, bella República, vive, vive,
 A. acio de o maldades, vives, vives:
 In te gozo, meu acio, me he vives:
 Mas agora, no meio de la traxer,
 Dos pes da República, vives, vives:
 Mortes de vives he o maldades.